Desconstrução da representação do feminino e masculino em *Diadorim*

Hellen Maria Duarte Oliveira[1]

Sandra Maria Pereira do Sacramento[2]

Élida Paulina Ferreira[3]

RESUMO: Este estudo busca evidenciar como a representação do feminino e masculino é desconstruída a partir *da/do* personagem *Diadorim* na obra *Grande Sertão: Veredas* (2001), de João Guimarães Rosa. Realizou-se inicialmente pesquisa bibliográfica sobre Desconstrução em Jacques Derrida (2008) e a concepção de gênero em Judith Butler (2008). Em função do contexto exposto pela pesquisa bibliográfica, foram selecionados trechos da obra de estudo, para averiguar de que maneira o feminino e o masculino são representados *na/no* personagem. A partir desse estudo, espera-se contribuir com a pesquisa na área, abrindo a perspectiva para aprofundarmos e complementarmos as discussões em relação aos conceitos mobilizados por Derrida, na perspectiva dos estudos da Desconstrução juntamente com a concepção de gênero exposta por Judith Butler. Espera-se contribuir para uma maior reflexão sobre a desconstrução, gênero e representação, levando em conta os espaços produzidos pela língua e as diferenças que as norteiam.

---

[1] Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Aluna do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

[2] Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora titular da Universidade Estadual de Santa Cruz.

[3] Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Professora titular da Universidade Estadual de Santa Cruz.

PALAVRAS-CHAVE: Desconstrução. Gênero. Grande Sertão Veredas.

INTRODUÇÃO

A prosa roseana impõe ao leitor uma língua portuguesa com um léxico e construções sintáticas peculiares, bem como personagens como Diadorim, que propõe desequilibrar não só os outros personagens à sua volta, mas também o próprio leitor. Como guerreira que renuncia àquilo que geralmente é considerado comportamento feminino, Diadorim transita assim entre dois mundos: homem/mulher. Esse cruzamento de dois mundos permite desconstruirmos as fronteiras do que é denominado, pela tradição falogocêntrica, como unicamente feminino ou masculino.

A hipótese deste trabalho é que a representação do masculino e/ou feminino é desconstruída a partir do/da personagem roseano. Dessa maneira, propõe-se aqui buscar evidenciar como a representação do feminino e do masculino é desconstruída a partir *da/do* personagem Diadorim, a partir da desconstrução proposta por Jacques Derrida (2008) e da concepção de gênero em Judith Butler (2008), tomando trechos para averiguar de que maneira o feminino e o masculino são representados *na/no* personagem.

Nesse sentido, o estudo proposto tem dupla relevância: de um lado contribui para o estudo do pensamento desconstrutivista, a partir do momento em que expõe a sua proposta, e de outro lado complementa e amplia estudos acerca da representação de gênero masculino e/ou feminino, no cenário dos estudos contemporâneos da linguagem.

1 A DESCONSTRUÇÃO DO GÊNERO: JACQUES DERRIDA E JUDITH BUTLER

O filósofo Jacques Derrida (2008) tem proporcionado, a partir do pensamento da desconstrução, deslocamentos, questionamentos, *de-sedimentações* de conceitos da metafísica ocidental. Por exemplo, Derrida faz críticas ao modelo clássico de Saussure centralizado no *logos*, bem como questiona, desde as suas primeiras obras, a posição da escrita considerada como mera representação da fala. O autor propõe outra reconfiguração para a relação entre fala e escrita, inaugurando "[...] a destruição, não a demolição, mas a de-sedimentação, a desconstrução de todas as significações que brotam da significação de *logos*" (DERRIDA, 2008, p.13, grifo do autor). Assim, a partir da desconstrução, o filósofo inaugura uma reflexão sem proporções que põe sob suspeita e rasura os discursos postulados pela tradição, inclusive o próprio conceito de ciência. De acordo com Derrida,

> [...] a ciência não pode mais satisfazer-se em nenhum de seus avanços. Esta inadequação já se pusera em movimento, desde sempre. Mas algo, hoje, deixa-a aparecer como tal, permite, de certa forma, assumi-la, sem que esta novidade se possa traduzir pelas noções sumárias de mutação, de explicitação, de acumulação, de revolução ou de tradição (DERRIDA, 2008, p.4-5).

Dessa forma, ao propor o deslocamento dos discursos que sustentam a metafísica, desvendando suas contradições, incoerências, dubiedades, o pensamento desconstrutivista se realiza a partir da sua inserção em meio aos discursos estabilizadores da tradição para desestabilizá-los e, consequentemente, ampliar os seus limites. Assim, Jonathan Culler observa que

> Desconstruir uma oposição é mostrar que ela não é natural e nem inevitável mas uma construção, produzida por discursos que se apoiam nela, e mostrar que ela é uma construção num trabalho de desconstrução

> que busca desmantelá-la e reinscrevê-la - isto é, não destruí-la mas dar-lhe uma estrutura e funcionamento diferentes (CULLER, 1999, p.122).

Sendo assim, pode-se dizer que a desconstrução para Derrida tem como proposta problematizar, questionar o mundo no qual se está inserido, questionar fronteiras e dicotomias, não as negando, mas interrogando quais sejam os seus limites. A partir disso, o filósofo propõe refletir acerca das dualidades hierárquicas postuladas pelo pensamento metafísico ocidental, desconstruindo-as. Observa-se então que,

> Um dos pontos chaves da estratégia desconstrutivista tem sido a de interrogar sem piedade as oposições binárias com que nos acostumamos a raciocinar. Estamos nos referindo aos pares de termos como natureza/cultura, realidade/aparência, causa/efeito, língua/fala, fala/escrita, significante/significado, homem/mulher e por aí vai (RAJAGOPALAN, 2000, p.121).

O pensamento desconstrutivista expõe os *suplementos*, os transbordamentos que a lógica oposicional pretende apagar ou mesmo mascarar em todos os discursos construídos e tomados como naturais pela tradição. Ademais, a desconstrução permite um diálogo profícuo tanto com a filosofia, como com a literatura, a política, as artes, ampliando as fronteiras do próprio conhecimento. Segundo Derrida, "A desconstrução não é essencialmente filosófica, e não se limita a um trabalho de um filósofo profissional sob um corpus filosófico. **A Desconstrução está em todas as partes**" (DERRIDA, 1999, p. 51, tradução nossa, grifo nosso).

Assim, a desconstrução, através de todos os seus questionamentos, aponta para a necessidade e impossibilidade de se identificar o "Um de qualquer conceito", num mundo inserido em um constante processo de significação em que um significado sempre vai remeter a outro significado formando assim um

encadeamento infinito, um eterno adiamento, marcado, segundo o autor, pela *différance*.

Por exemplo, sobre a questão da identidade, que é um dos temas desta reflexão, Jacques Derrida expõe, de certa maneira, a *impureza* dos conceitos de identificação, e afirma que "uma identidade nunca é dada, recebida ou alcançada [...]" (DERRIDA, 2001, p.43). De acordo com Zelina Beato (2004, p.164), "Derrida aponta para a impossibilidade de se definir o Um de qualquer conceito, o Um franco-magrebino, o Um do masculino ou do feminino, o Um da raça, de qualquer delas [...]". Como vimos argumentando, essa desconstrução torna problemática a lógica das oposições, a certeza dos limites e a queda de um dos termos do par dicotômico.

A partir desse processo de diferenciação e de identificação ininterrupto, a *questão da mulher* também será um dos pontos tratados pela desconstrução. Derrida aponta a semelhança entre a posição da escrita e da mulher, ambas colocadas como secundárias pelo pensamento metafísico ocidental. O autor afirma que, "a questão da mulher não é um problema, entre outros, na desconstrução. [...] a escrita é a mulher, a mulher é a escrita, o simulacro é a mulher" (DERRIDA, 1999, p. 57, tradução nossa). Essa afirmação faz parte da crítica à tradição que lega à mulher, como à escrita, um lugar secundário e acessório. Também a crítica derridiana acabará por questionar a essencialização dos conceitos, por exemplo, "mulher". Poderíamos assim perguntar: o que é ser mulher?

O movimento feminista surge com visibilidade a partir do século XIX, com questionamentos acerca dos direitos civis, sociais e políticos das mulheres, que se propuseram inicialmente a busca pelo direito ao voto. Esse primeiro momento do movimento feminista é denominado como primeira onda, caracterizada pela

busca das mulheres pela posição igualitária ao sexo oposto. Dentre as autoras que compõem essa primeira onda do feminismo, Simone de Beauvoir se destaca com sua obra *O segundo sexo* (2009), na qual apresenta uma possível construção da igualdade entre os sexos, passando pela biologia, psicanálise, materialismo histórico, dentre outras áreas. Segundo Joan Scott (2002, p. 283),

> As feministas que argumentam a favor da igualdade entre homens e mulheres seguem Simone de Beauvoir [...]. Estas tomam, por conseguinte, partido do indivíduo abstrato e ignoram a diferença sexual, por considerá-la irrelevante no contexto dos direitos humanos que os princípios universais da lei democrática liberal reconhecem.

A partir da busca pela igualdade, a questão da mulher, do ser mulher começa a ter maior relevância e mais força. Em meio aos importantes e marcantes eventos históricos da década de 1960 - a Guerra do Vietnã, o movimento *hippie*, 'Maio de 68' em Paris, a revolução da música com os Beatles e os Rolling Stones - começa a eclodir a segunda onda do feminismo. Nesse momento da história feminista, as mulheres passam a defender a "inevitável" diferença sexual, contestando a perspectiva igualitária da primeira onda. Em meio aos discursos feministas, um novo debate, pautado na desconstrução, diferença e identidade, começa a ser engendrado a partir de autoras como Hélène Cixous e Judith Butler. Surge assim o que se costuma denominar a terceira onda, caracterizada pela busca do rompimento dos discursos considerados universais e determinados.

Nesse contexto crítico e de afirmação do feminino, sustentado pelo pensamento desconstrutivista, o pós-feminismo ou terceira onda do feminismo tem como proposta discutir os avanços proporcionados pela primeira onda do feminismo, na qual se buscava a igualdade em relação ao masculino e, pela segunda onda do feminismo, que mesmo começando a discutir as metanarrativas que até então legitimaram o homem como hegemônico, ainda insistia na

diferença absoluta entre homens e mulheres, mantendo, portanto, a lógica oposicional da tradição. As pós-feministas, por sua vez, propõem discutir acerca dos conceitos estáveis, as "categorias do sexo verdadeiro, do gênero distinto e da sexualidade específica" que fizeram parte no movimento feminista até então. "A crítica pós-feminista, assim, relaciona sinais de exaustão a uma série de discursos redutores que embasaram a instituição da diferença reificada, que organiza a diferença na desigualdade" (RICHARD, 2002 *apud* SACRAMENTO, 2010, p. 236).

Nessa perspectiva, a autora Judith Butler (2008) aponta a inexistência do sujeito mulher que o feminismo busca representar, discutindo e expondo a instabilidade da identidade do feminino, da essência do feminino, por assim dizer. Butler dialoga com diferentes autoras, destacando-se dentre elas Simone de Beauvoir. Em seu debate, a autora expõe que "Simone de Beauvoir escreveu, em *O segundo sexo*, que 'a gente não nasce mulher, *torna-se* mulher'. A frase é curiosa, até mesmo um pouco absurda, pois como tornar-se mulher se não é mulher desde o começo? E quem se torna mulher?" (BUTLER, 2008, p.162). Para Butler, primeiramente seria necessário responder: o que é ser mulher? Deste modo, a autora propõe a desconstrução do gênero a partir do seu questionamento em relação ao binarismo sexo/gênero, no qual o movimento feminista esteve muitas vezes fundamentado. Butler rompe com a lógica binária dos pares opositivos tanto quanto com "o" significado dado e preexistente, o que Derrida (2008) chamaria de significado transcendental. A pós-feminista escreve:

> [...] se o sexo e o gênero são radicalmente distintos, não decorre daí que ser de um dado sexo seja tornar-se de um dado gênero; em outras palavras, a categoria de 'mulher' não é necessariamente a construção cultural do corpo feminino, e 'homem' não precisa necessariamente interpretar os corpos masculinos. Essa formulação radical da distinção sexo/gênero sugere que os corpos sexuados podem dar ensejo a uma variedade de gêneros diferentes, e que, além disso, o gênero em si não está necessariamente restrito aos dois usuais. Se o sexo não limita o

> gênero, então talvez haja gêneros, maneiras de interpretar culturalmente o corpo sexuado, que não são de forma alguma limitados pela aparente dualidade do sexo (BUTLER, 2008, p. 163).

Butler apresenta essa polarização sexo/gênero como uma construção que limita as possibilidades de manifestações de gênero e sua complexidade. A autora, ao admitir que o sexo não limita o gênero e que esse diz respeito a maneiras de interpretar o corpo sexuado, traz para a discussão o tema da performatividade de gênero, redimensionando a relação feminino/masculino. Segundo Butler, o gênero não tem uma identidade inalterável, completamente estável, suas características são performativas e podem estar presentes em qualquer corpo. O gênero se constrói no e pelo discurso, na performance. Portanto, a autora afirma que

> Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são *performativos*, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora (BUTLER, 2008, p. 201, grifo da autora).

A partir de Austin (1998), a autora expõe a construção performativa do gênero e afirma que a performatividade corresponde a um discurso reproduzido, expondo sexos e gêneros construídos, normatizados. Em outras palavras, o ato performativo obriga o sujeito a se comportar a partir de discursos presentes e anteriores para que este se constitua como sujeito enquanto tal. Retomando, como, então, responder às questões: o que determina uma mulher, ser mulher? O que determina um homem, ser homem? A proposta de Butler não se pauta necessariamente em responder tais questionamentos, mas em expor a

impossibilidade de respondê-los com precisão, dando conta de todo o universo de significação em que está pautado o gênero.

Assim, o trabalho de Butler se assemelhará e, de certa forma, estará embasada no pensamento da desconstrução, pois a autora busca apresentar diante da discussão entre sexo e gênero os corpos que até então eram colocados como *abjetos* pelas dicotomias da tradição. Como afirma Butler, "[...] a construção do gênero *atua* através de meios *excludentes* [...]". (BUTLER, 2007, p.161, grifo da autora). Tendo como plano de fundo o pensamento desconstrutivista, Judith Butler não só trará à tona sujeitos que foram colocados à margem da sociedade, mas também a questão instigante das identidades consideradas fixas e preexistentes. Derrida apresenta a identidade constituída em um sistema de significação, o que não permite o fechamento de uma verdade enquanto tal do sujeito presente a si. Uma identidade envolta de um devir, uma promessa de se realizar. De acordo com Derrida (2001, p.43), "[...] apenas existe o processo interminável, indefinidamente fantasmático, da identificação.". A partir do processo de identificação derridiano, Butler busca a abertura para a diferença pela diferença.

2 O MASCULINO E/OU FEMININO EM DIADORIM

O sertão de Riobaldo, exposto por Guimarães Rosa em sua obra *Grande Sertão: Veredas,* é recheado de acontecimentos, envoltos dos mandos e desmandos dos coronéis. Enredado pelas peculiaridades da língua de Riobaldo, o sertão será o lugar onde o masculino se apresentará, inicialmente, representado pelo jagunço, guerreiro, valente, corajoso e, o feminino representado pelo papel servil das moças da época. Assim, a relação entre homem/mulher, masculino/feminino será determinada pelo papel primário do primeiro dos pares e o papel secundário

das mulheres. Os personagens femininos de *Grande Sertão: Veredas* são descritos no decorrer da obra, como subservientes aos homens, sem poder, nem força.

Dentre os personagens femininos principais, destacam-se a prostituta Nhorinhá, a donzela Otacília e *a/o* intrigante Diadorim. Mesmo com funções diferentes na vida de Riobaldo (personagem narrador da obra), Nhorinhá e Otacília são notadamente caracterizadas como femininas a partir de suas roupas e modos de agir. Dentre elas Diadorim se destaca como o ser perturbador que vai desequilibrar o que era determinado feminino. Desde cedo, Diadorim nega sua representação feminina, as saias, penteados, vestidos para se travestir de jagunço e, só assim, adentrar o universo masculino no qual *ele/ela* poderia livremente se vingar da morte do seu pai. Considerado diferente pelo próprio pai como declara a Riobaldo: "'Sou diferente de todo o mundo. Meu pai disse que eu careço de ser diferente, muito diferente... '" (ROSA, 2001, p.125), Reinaldo, denominado primeiramente, passa a fazer parte do bando de Joca Ramires, do qual Riobaldo também fazia parte. Diadorim transita entre o masculino e o feminino com suas roupas, armas e modos de agir esperados de um jagunço, como frieza, dureza e ódio, guardando consigo, ao mesmo tempo, o segredo do feminino, da sua condição de mulher.

O personagem-narrador de *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo, mesmo sendo *jagunço, homem viril, cabra-macho*, acaba sentindo-se atraído por Diadorim, sendo perturbado por tal sentimento, que no decorrer da obra tenta repreender, como se observa a seguir:

> Conforme pensei em Diadorim. Só pensava era nele. Um joão-de-barro cantou. Eu queria morrer pensando em meu amigo Diadorim, mano-oh-mão, que estava na Serra do Pau-d'Arco, quase na divisa baiana, com nossa outra metade dos só candelários... Com meu amigo Diadorim me abraçava, sentimento meu ia voava reto para ele... Ai, arre, mas: que esta

> minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas (ROSA, 2001, p.37).
>
> Em Diadorim, penso também – mas Diadorim é a minha neblina... (ROSA, 2001, p.40).
>
> E veja: eu vinha tanto tempo me relutando, contra o querer gostar de Diadorim mais do que, a claro, de um amigo se pertence gostar; (ROSA, 2001, p.52).

Esse cruzamento de Diadorim entre dois mundos (homem/mulher) faz com que Riobaldo fique confuso, criando assim certo desequilíbrio em seus sentimentos. Riobaldo percebia que havia algo de diferente em Diadorim, mas não conseguia visualizar.

> Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, **a gente se diferenciava dos outros** – porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si.(ROSA, 2001, p. 44, grifo nosso)

Diadorim transita o tempo todo entre o masculino e o feminino, evidenciando o que aqui, a partir de Butler, estamos assumindo como performatividade de gênero. Havia algo, na performance de Diadorim que instaura uma diferenciação que produz efeitos na amizade entre jagunços, entre Riobaldo e Diadorim, como observamos na passagem anterior.

Pode-se observar Diadorim ora tomando posicionamentos que seriam determinados como masculinos,

> Até que viesse a poder vingar o histórico de seu pai, ele tresvariava. Durante que estávamos assim fora de marcha em rota, tempo de descanso, em que eu mais amizade queria, Diadorim só falava nos extremos do assunto. Matar, matar, sangue manda sangue (ROSA, 2001, p.46).

> Diadorim era assim: matar, se matava – era para ser um preparo. O judas algum? – na faca! (ROSA, 2001, p.53).
>
> 'Quem quiser bulir com ela, que me venha!' – Diadorim garantiu. (ROSA, 2001, p.71).

Ora, tomando posicionamentos que seriam considerados tipicamente femininos, mesmo que, aparentemente, disfarçados.

> Diadorim estava me esperando. Ele tinha lavado minha roupa: duas camisas e um paletó e uma calça, e outra camisa, nova, de bulgariana. Às vezes eu lavava a roupa, nossa; mas quase mais quem fazia isso era Diadorim. Porque eu achava tal serviço o pior de todos, e também Diadorim praticava com mais jeito, mão melhor (ROSA, 2001, p. 51).

Os olhos de Diadorim desvendavam de certa maneira a sua feminilidade, e se tornam sedutores, misteriosos e responsáveis por uma conexão entre os personagens.

> Que vontade era de pôr meus dedos, de leve, o leve, nos meigos olhos dele, ocultando, para não ter de tolerar de ver assim o chamado, até que ponto esses olhos, sempre havendo, aquela beleza verde, me adoecido, tão impossível. (ROSA, 2001, p. 62)
>
> Naqueles olhos e tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus lugares ensombrados. Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, muita velhice, querendo me contar coisas que a idéia da gente não dá para se entender – e acho que é por isso que a gente morre. (ROSA, 2001, p. 305)
>
> O senhor saiba – Diadorim: que, bastava ele me olhar com os olhos verdes tão em sonhos, e, por mesmo de minha vergonha, escondido de mim mesmo eu gostava do cheiro dele, do existir dele, do morno que a mão dele passava para a minha mão. O senhor vai ver. Eu era dois, diversos? O que não entendo hoje, naquele tempo eu não sabia. (ROSA, 2001, p. 505)

Os olhos de Diadorim, seus posicionamentos durante a trajetória do romance provocam um sentimento perturbador em Riobaldo que só vai ter um "fim", com a morte do/da personagem que marca a conclusão da obra. Diadorim consegue alcançar o seu objetivo de se vingar do pai, e só depois que morre é exposto o seu segredo, fazendo surgir Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins.

> [...] mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. [...] Ela era. [...] Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu solucei meu desespero (ROSA, 2001, p. 615).

Naquele momento, Diadorim era "moça perfeita", mas "a dor não pode mais que a surpresa". A dor de Riobaldo era pela perda de Diadorim. Podemos perguntar que Diadorim? Que Diadorim arranca soluço de desespero?

Podemos afirmar que, embora Diadorim fosse "mulher como o sol não acende a água do Urucuia", não deixou de ser o companheiro jagunço por quem Riobaldo soluça. É nesse átimo, como diz Riobaldo, que se revela o segredo, mas vem à tona o turbilhão dos sentimentos reprimidos. Assim, a partir da/do personagem, a questão do ser mulher, ser homem se põe em questionamento. Se ser mulher é apenas ter o órgão sexual feminino, Diadorim era mulher em todo o tempo, mas isso não a definiu como tal. Então, o que faria com que Diadorim fosse mulher? E, se for homem é ter o órgão sexual masculino, Diadorim nunca o foi, mesmo tendo sido caracterizada como tal. Pudemos perceber que esteve em jogo o que aponta Butler (2008) como sendo uma construção discursiva e cultural. Ao visualizar Diadorim, percebe-se a desconstrução daquilo que representa o feminino e/ou masculino, fazendo com que essa representação seja apenas uma

ficção, uma tentativa de satisfazer e apresentar os postulados propostos pelos discursos. Segundo Serge Moscovici,

> Representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo (MOSCOVICI, 2013, p. 216).

Deste modo, representar o feminino e/ou masculino caminharia entre a necessidade e a impossibilidade de se realizar. A representação é uma fantasia, pois o sentido daquilo que se busca como original, fixo, determinado, escapa sempre. Dizer que Diadorim representa o feminino não seria suficiente, pois deixaria a sua representação masculina de fora. Dizer que Diadorim representa o masculino caminharia no mesmo sentido. Diante disso, pode-se concluir com uma citação do personagem-narrador da obra roseana, Riobaldo, quando este, conversando com o seu compadre, vai dizer

> O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. (ROSA, 2001, p. 39)

Assim, *a/o* personagem ao transitar entre as duas representações evidencia que a identidade é múltipla e não é fixa. E, portanto, a barra fixa entre o par binário homem/mulher é posta em questionamento e sob suspeição. Vale dizer que as definições de "homem" e de "mulher" precisam levar em consideração um espaço mais complexo e amplo do que prevê a simples oposição sexo/gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desconstrução como afirma Derrida está em todas as partes, nos discursos e suas representações.

O artigo evidenciou a necessidade de se discutir sobre a desconstrução, sobremaneira a desconstrução do gênero, levando em conta a questão instigante que é como evidenciar a representação do feminino e/ou masculino no personagem roseano Diadorim.

A partir das leituras embasadas em Jacques Derrida e Judith Butler, constatou-se, a partir da breve análise dos fragmentos escolhidos, que a construção do gênero correlaciona-se com um sistema de significação e discursivo. Observa-se ainda que a/o personagem vai transitar entre a representação do masculino e do feminino problematizando a divisão estanque homem/mulher já consagrada pela tradição falogocêntrica.

Representation's deconstruction of female and male in *Diadorim*

ABSTRACT: This study searches to show how the representation of female and male is deconstructed from the character Diadorim in Grande Sertão: Veredas (2001), by João Guimarães Rosa. Initially conducted bibliographic research about Deconstruction in Jacques Derrida (2008) and the concept of gender in Judith Butler (2008). Depending on the context exposed by literature, excerpts from the work of the study were selected to investigate how the female and male are represented on/in character. From this study, we hope to contribute to research in the area, opening the prospect for deepening and we complement the discussions related to the concepts mobilized by Derrida, Deconstruction in perspective studies along with the concept of gender by Judith Butler exposed. Expected to contribute to greater reflection on deconstruction, gender and representation, taking into account the spaces produced by the tongue and the differences that guide.

Keywords: Deconstruction. Genre. Grande Sertão Veredas

REFERÊNCIAS

BEATO, Zelina. Identidades e suas Impossibilidades. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas, n.43, p.159-170, jan./jun. 2004.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado:* pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. *Problemas de gênero:* feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução:* teoria e crítica do pós-estruturalismo. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

DERRIDA, Jacques. *No escribo sin luz artificial.* Trad. Rosario Ilbañes e Maria José Pozo. Valladolid: Cuatro ediciones, 1999.

_____. *O monolingüismo do outro ou a prótese de origem*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Compos das Letras editores, 2001.

_____. *Gramatalogia.* Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social.* Trad. Pedrinho A. Guareschi. 10.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Ética da Desconstrução. In: NASCIMENTO, E.; GLENADEL, P. (Orgs.). *Em torno de Jacques Derrida.* Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas.* 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SACRAMENTO, Sandra Maria. Linguagens e representações: Silenciamento e margem. *Revista Leitura,* Ufal, v.1, p.225-242, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/254/175>. Acesso em: 22 fev. 2014.

SCOTT, Joan. Cidadãs, mas não indivíduos: antes e depois do direito ao voto. In: *A cidadã paradoxal*: As feministas francesas e os direitos do homem. Trad. Élvio Funck. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002. p. 265-286.